

A Bienal de Lisboa

A Bienal de Lisboa, em 1994, correspondeu a um momento crítico de um projecto inovador.

Em 1985, ano da primeira Bienal, não existia uma iniciativa que ousasse juntar, no mesmo momento, na mesma cidade, as diversas expressões artísticas que, desde o início marcaram o evento – artes visuais, artes do espectáculo, artes da imagem e dos novos media, artes aplicadas, literatura, arquitectura. Através deste nascimento multidisciplinar, a Bienal incentivou a interdisciplinaridade e foi perscrutora da transdisciplinaridade. Projecto de acção, esteve assim na vanguarda de projectos artísticos que marcam a época que vivemos.

Para lá do modelo, o objectivo de promover um espaço de grande visibilidade para jovens artistas reavivou as intenções da desaparecida Bienal de Paris, dando uma força decisiva à criação e sedimentação de políticas locais, nacionais e europeias destinadas a apoiar o início de carreira. Às vezes, houve a perversão desses incentivos, com a criação de uma categoria que me parece artificial – o jovem artista, o jovem criador. De facto, não existe uma “arte jovem” enquanto categoria de avaliação mas antes uma dinâmica de processos no sistema artístico onde o incentivo ao início de carreira tem um papel importante, que neste género de evento revela um ponto alto mas que não pode residir, exclusivamente, neste modo de agir.

A Bienal construiu-se como projecto anual: de dois em dois anos em Barcelona e dois em dois anos noutra cidade da bacia do Mediterrâneo.

Este conceito inicial da Arci Kids em colaboração com o município de Barcelona cedo se revelou inviável. Desde a Bienal de Bolonha, em 1988, a Bienal passa a ser um evento regular de dois em dois anos e até hoje nunca mais voltou à cidade da sua fundação.

Programa inovador no desenho da actividade, a Bienal foi e continua a ser uma realização inovadora a nível organizacional.

Desde o princípio, a Bienal juntou governos nacionais, municípios e associações sem fins lucrativos com o objectivo comum de organizar um projecto cultural de dimensão internacional para a promoção dos jovens criadores e através dessa dinâmica, para a aproximação dos povos e culturas que partilham o espaço mediterrânico ou a ele estão associados.

Inicialmente uma rede informal, desde 2001 a Bienal é o centro de uma rede institucionalizada através de uma associação internacional. Esta rede é das poucas redes culturais que se formaram nas décadas de 80 e 90 do século XX que para além do debate teórico e circulação de responsáveis políticos ou técnicos concretiza um grande projecto em acção de forma regular.

O projecto da Bienal, em 1992/93 tinha perdido força, depois de Marselha e sobretudo, depois de Valência.

Lisboa aceitou o desafio de receber uma iniciativa que, naquele momento, mais nenhum elemento do comité internacional organizador queria desenvolver na sua área geográfica de influência.

O Comité internacional aceitou que a Bienal fosse desenvolvida por uma associação: o Clube Português de Artes e Ideias, que criei em 1986 inspirado no projecto da Bienal. E foi assim que, pela primeira vez, o Director da Bienal de Jovens Criadores da Europa do Mediterrâneo foi dirigida por um responsável indicado por uma associação cultural.

Não foi fácil a reunião de meios para a concretização da Bienal de Lisboa. Tivemos alguma dificuldade, em 1992 e 1993 de garantir que ao apoio do Governo português se juntava o apoio de “Lisboa-94 Capital Europeia da Cultura”. Mas em meados de 1993 o Comissário da Capital da Cultura aceitava o desafio, viabilizando o orçamento da 7ª edição da Bienal.

Decidimos localizar todas as exposições da Bienal, as actividades da área da Literatura e a Bienal “Off” no mesmo local, a antiga Fábrica da Cordoaria Nacional, facilitando a visita das actividades e criando um espaço de encontro para os artistas. Os espectáculos, a passagem de moda, o encontro de gastronomia foram espalhados por espaços nobres da cidade, não muito distantes do local da exposição. Os artistas foram todos alojados no mesmo hotel (reunimos nesse local 600 artistas e 150 organizadores). Estas opções de proximidade visaram favorecer um encontro entre criadores e entre estes e os jornalistas, os organizadores, os profissionais da Cultura que os quisessem conhecer. Por outro lado, procurámos que o lay-out da exposição e todos os elementos de comunicação fossem exigentes e de qualidade, garantindo aos jovens criadores uma apresentação segura dos seus trabalhos. Finalmente, fizemos questão de ter uma equipa sempre disponível para os artistas, não esquecendo nunca que eles são a razão primeira do evento.

Ao lado da Bienal e a convite da organização, aconteceram em Lisboa uma série de iniciativas e procurou-se criar laços de associação com outras actividades, promovendo a divulgação nacional e internacional como evento integrado no programa de “Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura”.

Para a continuidade do projecto foi decisiva a visita a Lisboa do vereador da juventude do município de Turim que se entusiasmou com a dinâmica gerada. Também os responsáveis de “Copenhaga 96- Capital Europeia da Cultura” visitaram a Bienal de Lisboa que serviu de modelo para a primeira edição da “ArtGenda”, Bienal do Báltico.

Em Lisboa, aconteceu uma “nuance” interessante: por minha proposta, o Comité Internacional aprovou a alteração da denominação da iniciativa de “Bienal de Jovens Criadores da Europa do Mediterrâneo” para “Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo”. Esta pequena alteração, com a inclusão do “e” teve um grande significado: permitir que todos os países da bacia do Mediterrâneo estivessem presentes por direito próprio e que os países da Europa do Sul com localizações geográficas mais distantes do coração do Mediterrâneo – como é o caso de Portugal ou da Eslovénia – pudessem participar de pleno direito neste projecto cultural, abrindo-se porta segura ao alargamento dos membros do Comité.

Assim, Lisboa, a primeira capital a receber este evento, também deu um contributo para a construção de um projecto que para além da dimensão cultural tem uma dimensão política incontornável – a Bienal é um sinal de ligação entre pessoas e povos e é portadora de uma mensagem: o Outro é meu vizinho, o meu vizinho pode ser meu companheiro, o meu companheiro pode tornar-se num amigo. Este caminho difícil na política internacional é um caminho que estamos a percorrer com sucesso e é por isso muito importante que esta marca positiva num mundo em crise continue a iluminar, se possível com maior força, as relações na Europa e no Mediterrâneo.

Jorge Barreto Xavier
Director de Bienal de Lisboa